



Opinião Econômica

Lorena Hakak

Doutora em economia e professora da FGV. Atua como presidente da Gefam (Sociedade de Economia da Família e do Gênero)



Gil do Vigor e o falso acadêmico

Jornalista debochou da comemoração de Gil pela publicação de artigos acadêmicos

Na semana passada, as redes sociais foram chacoalhadas pela postagem do jornalista Álvaro Pereira Jr. sobre o economista Gil do Vigor. Segundo reportagem do UOL, “Álvaro debochou de Gil, que comemorou a aceitação de dois artigos pela SBE (Sociedade Brasileira de Econometria)”.

É comum que alunos, pesquisadores e professores submetam seus artigos a congressos para debater resultados preliminares e colher sugestões. Organizados por associações acadêmicas, esses encontros ocorrem tanto no Brasil como no exterior.

A comemoração de Gil do Vigor sobre os dois aceites não é diferente de muitas postagens que vemos nas redes sociais, especialmente de alunos e recém-doutores. A própria colunista

também teve dois artigos aceitos na SBE neste ano.

Ele, que recentemente concluiu o doutorado, está nesse processo de aprimoramento e debate de seus artigos para, posteriormente, submetê-los a revistas acadêmicas. A partir daí, começa outro processo, que pode ser bastante longo: a famosa revisão por pares.

A SBE é uma associação científica que organiza, anualmente, o Encontro Brasileiro de Econometria (EBE). Este ano, o EBE chega à sua 48ª edição. No processo de seleção, cada artigo é avaliado por dois pareceristas de instituições diferentes, que desconhecem a identidade dos autores.

Gil do Vigor veio de Jaboa-tão dos Guararapes (PE), enfrentou dificuldades, mas conseguiu

concluir a graduação e o mestrado em economia, além de cursar o doutorado no exterior. Ele tem outra habilidade: a comunicação. E tem usado isso de forma positiva. É um defensor da educação como elemento fundamental para a transformação.

Um comunicador que não apenas defende a educação, mas cuja própria trajetória reflete essa crença, é uma importante referência para a juventude brasileira. Isso é ainda mais relevante num país que desvaloriza seus professores e cujos resultados educacionais são ruins.

Não é trivial contar com uma figura pública que fale sobre educação, pós-graduação e pesquisa para milhões de pessoas. Até porque os acadêmicos, em geral, têm dificuldade em conversar

com quem está fora desse meio.

Os números ajudam a entender por que falar sobre educação é tão necessário. O Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) de 2025 não deixa dúvidas de que precisamos investir na qualidade da educação.

De acordo com o livro Resultados Pisa 2025 (volume 1), de 2006 a 2025, melhoramos apenas em ciências (de 390 para 409 pontos). Em matemática, apenas 28% dos estudantes de 15 anos alcançaram pelo menos o nível 2, em comparação com 65% na média da OCDE. Esse nível significa que “esses alunos podem interpretar e reconhecer, sem instruções diretas, como uma situação simples pode ser representada matematicamente”.

Quase não tivemos alunos nos níveis mais altos da prova (5 ou 6), em comparação com a média da OCDE (8%) e com Singapura (37%). Em leitura, apenas 1% dos estudantes alcançaram pontuação no nível 5 ou superior.

Esses resultados mostram a dimensão do desafio, mas o Brasil também tem uma oportunidade. A queda acentuada da fecundidade abre espaço para aumentar o investimento por aluno, especialmente nos anos iniciais da educação básica. Precisamos investir mais e, sobretudo, melhor.

Num país com enormes dificuldades para melhorar a qualidade da educação, que mensagem passamos aos jovens ao transformar conquistas acadêmicas em motivo de deboche?



Tá com crédito

Soluções de crédito com ótimas taxas:
Vai investir na sua empresa? Conte com crédito Banrisul.

*Sujeito a análise de crédito.

Saiba mais:




Programa Asas para o Futuro forma mulheres para atuarem na área de energia

/ENERGIA

Jefferson Klein

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

Das 60 mulheres que iniciaram, em 27 de maio, o curso de extensão Instalações Elétricas Básicas e Energia Solar Fotovoltaica promovido dentro do Programa Asas para o Futuro, que envolve o Ministério das Mulheres e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), cerca de 40 delas se formarão no próximo dia 9 de outubro. A última aula da iniciativa foi realizada ontem.

A professora da Ufrgs e coordenadora do curso, Aline Pan, comenta que algumas das estudantes desistiram porque realmente não conseguiram conciliar trabalho, estudo e família e outras acharam muito difícil.

“É um conhecimento técnico, por mais que seja um curso inicial, a eletricidade não é algo trivial”, frisa Aline.

Com a capacitação, as formandas poderão atuar com insta-

lações elétricas simples, em baixa tensão, como, por exemplo, colocação de chuveiros elétricos, e também com sistemas fotovoltaicos. A ação buscou apoiar mulheres especialmente que se encontravam em condições de vulnerabilidade.

Das inscritas, com idades que variavam entre 15 e 29 anos, 70% encontravam-se em condições de vulnerabilidade social, ou seja, ganhavam menos de um salário mínimo dentro da família, de forma per capita. Aline cita ainda que 8% das alunas são mães e 43% pessoas pretas e pardas.

O curso foi ministrado em Osório, por meio de uma parceria do Campus Litoral da Ufrgs e da Escola Estadual de Educação Básica Prudente de Moraes. Para a professora, apesar de alguns avanços, o ingresso das mulheres na área de energia ainda não evoluiu como deveria.

Porém, ela assinala que eventos como a ROG.e, que é um dos maiores encontros do campo de energia do planeta, ocorrido re-



Conclusão do curso de extensão será celebrada no dia 9 de outubro

centemente no Rio de Janeiro, já começam a debater pautas de inclusão. Durante a ROG.e, Aline recebeu o prêmio Personalidade do Ano do Setor Elétrico, concedido pelo movimento Sim, Elas Existem! (iniciativa que busca dar visibilidade a mulheres qualificadas

que atuam na área de energia). Além do Asas para o Futuro, a professora da Ufrgs também é coordenadora-geral do Projeto Energizando a Equidade, que atua com alunas bolsistas para capacitá-las nas áreas de energias renováveis, gestão de energia e gênero.

Plano Nacional de Energia 2055 é publicado

O Ministério de Minas e Energia (MME) informou ontem a publicação no Diário Oficial da União (DOU) do chamado Plano Nacional de Energia (PNE) 2055, com a perspectiva de dobrar a oferta de energia até 2055. A participação das fontes renováveis no setor pode superar 80% da matriz energética nacional (em setores como transportes, indústria, residências e agropecuária).

O PNE 2055 também aponta que a demanda por energia elétrica crescerá mais de quatro vezes até 2055. Nesta linha, os cenários avaliados indicam que a geração elétrica poderá ser até 99% baseada em energias limpas em cerca de 30 anos, com contínua expansão da participação das fontes eólica e solar. A infraestrutura de transmissão elétrica poderá triplicar até 2055, em extensão de linhas e capacidade de transformação.